"Caminho aberto ao diálogo"

AGÊNCIA ESTADO

O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, considerou o discurso do presidente José Sarney na Organização das Nações Unidas como "um dos melhores que poderiam ter sido feitos", principalmente na defessa dos países em desenvolvimento e que "por sua amplitude atingiu pontos essenciais para reformulação da política financeira internacional". Segundo o ministro, o pronunciamento do presidente "teve por enfoque a idéia de que a comunidade financeira tem de minimizar as crises futuras e não maximizar cada vez mais o problema dos países devedores".

Funaro, que esteve ontem em visita ao diretor da Cacex, Roberto Fendt, no Rio, assinalou que a posição de firmeza e seriedade do discurso presidencial, somada aos resultados da reunião dos ministros das Finanças e presidentes de bancos centrais de países desenvolvidos, "abre caminho a um diálogo e à seriedade na negociação entre nações em desenvolvimento a esses países".

Disse ainda o ministro que de quinta-feira passada até ontem, o dólar sofreu desvalorização de 7 a 8% "e a primeira tendência será de uma desvalorização bem maior". Para o Brasil, as vantagens principais dessa variação do dólar são três: redução da onda de protecionismo, a necessária redução das taxas de juros para manter a queda do dólar e redução do poder de competição dos países europeus e asiáticos que concorrem com as exportações brasileiras, principalmente no mercado norte-americano.

INFLAÇÃO

O ministro estimou que a taxa de inflação do mês de setembro deverá ficar entre 9,5% e 10,5%, com base na evolução do Índice Geral de Preços nos primeiros 20 dias deste mês (em torno de 7,2%), o que considerou "um excelente resultado". Funaro considerou também uma vitória a queda das taxas de juros para 15% reais ao ano no **open market** e destacou que "o acordo com o setor industrial e os supermercados tem dado certo". Admitiu entretanto que o acordo da carne "não funcionou bem, mas ainda assim o aumento deste mês ficou entre 15% e 18%, bem abaixo dos 45% registrados em agosto".

IMPOSTOS

Ele abordou ainda o pacote tributário anunciado pelo governo, assinalando que um dos seus fundamentos é a concentração de renda que se verificou no Brasil nos últimos 20 anos e mencionada no discurso de Sarney. Nesse período, os 10% mais ricos do País passaram de 36 a 51% da participação da renda nacional. "Não estamos pensando em tributar os assalariados de baixa renda", disse. "Estou pensando na classe alta, não na família de classe média." Funaro acentuou também que não permitirá nenhum repasse à taxa de juros dos custos resultantes do acordo salarial entre banqueiros e bancários.

DÉFICIT

O secretário-geral do Ministério da Ciência e Tecnologia, economista Luciano Coutinho, considerou a desvalorização do dólar "muito positiva", lembrando que a moeda "estava valorizada há longo tempo e o sistema financeiro internacional não tinha condições de agüentar mais essa valorização artificial". Coutinho explicou as altas taxas do dólar no mercado internacional pela necessidade que o governo norte-americano tinha de sustentar o enorme déficit de conta corrente, mantendo altas taxas de juros e da moeda para rolar a dívida.

Tanto Funaro como Coutinho afirmaram que a política cambial do País não deve ser alterada, e o ministro garantiu que o cruzeiro continuará a ter minidesvalorizações diárias.

Atualidade econômica — Sarney

Crítica à omissão dos industrializados

NOVA YORK — "O débito pago com miséria é conta paga com a democracia", disse ontem o presidente José Sarney durante seu primeiro discurso na Organização das Nações Unidas, lançando a idéia de uma mobilização internacional para combater a miséria e a fome. Além da questão da dívida, tratada de uma forma considerada direta pelos observadores, Sarney falou também sobre os problemas do comércio internacional. Os temas dominaram a 40ª assembléia geral da ONU.

Numa entrevista à imprensa, o presidente brasileiro criticou o descaso dos países industrializados em relação a um diálogo político sobre a dívida e afirmou que a reunião dos cinco países industrializados, domingo, "foi decepcionante". Segundo ele, essa reunião ratificou pontos de vista já conhecidos desde a reunião de cúpula realizada em Bonn. O endividamento da América Latina ficou fora da pauta do encontro dos presidentes dos bancos centrais dos Estados Unidos, França, Alemanha Federal, Grã-Bretanha e Japão, que limitaram-se a analisar os problemas da supervalorização do dólar.

Na opinião de Sarney, as medidas adotadas nessa reunião com o objetivo de provocar a redução do valor do dólar representarão, caso sejam bem-sucedidas, "uma pequena ajuda" para as economias dos países em desenvolvimento. Mas "só em teoria", observou. "Isto não melhora, muito menos resolve o problema da dívida", acrescentou antes de comentar que a declaração de Bonn "é a teoria da ortodoxia, ao invés da solução adequada para o problema".

"Eles preconizam soluções de mercado para tudo, mas com elas é impossível chegar a uma solução", prosseguiu o presidente brasileiro, a respeito do encontro de Nova York. Em seguida voltou-se para o chanceler Olavo Setúbal, ao seu lado, e perguntou: "É isso mesmo?" O ministro das Relações Exteriores respondeu com uma única palavra: "Perfeito".

No seu discurso, Sarney insistiu na necessidade de alcançar uma "visão reformadora e criadora" a respeito da dívida, mas não apresentou nenhuma proposta concreta nesse sentido. Ele disse que o Brasil "apresentará uma posição quando os organismos internacionais abandonarem sua posição dogmática e vierem negociar. Agora estamos na etapa de induzir os organismos internacionais a negociar", acrescentou. Ele repetiu, perante a imprensa, as críticas feitas à "miopia" do Fundo Monetário Internacional e suas políticas "inadequadas de ajuste econômico" para os devedores.

"Não podemos ficar apenas na retórica do ajustamento da economia, supondo que o sacrifício é tudo que dive fazer um devedor do Terceiro Mundo para equacionar as suas contas externas", disse Sarney. Segundo ele, o "Brasil rebelou-se contra a teoria (do FMI) porque a fórmula já levou à recessão. Temos consciência de que, para pagar essa conta, com esses altos custos sociais e econômicos, teríamos em seguida de abdicar da liberdade, porque o débito pago com miséria é conta paga com a democracia".

O presidente mostrou-se favorável à renegociação bilateral da dívida, mas frisou que no campo político há problemas que atingem a todos os países devedores. Neste aspecto, o caminho adequado é o Consenso de Cartagena, disse Sarney, que porém não afasta a possibilidade de outros mecanismos.

PERU

Da mesma forma que Sarney, o presidente peruano Alan Garcia denunciou a baixa de preços no comércio, os altos juros e o protecionismo, ao falar na assembléia da ONU. A questão política também foi lembrada pelo chanceler argentino, Dante Caputo. Segundo ele, o crescimento econômico está diretamente associado à estabilidade das democracias "tão dificilmente conquistadas" na América Latina e esse crescimento encontra-se seriamente comprometido "por nossa capacidade de gerar recursos, mas ainda assim grande parte deles deve pagar a dívida".

O discurso do presidente José Sarney encontra-se também nas páginas **4, 5 e 6.**